

A Arte Românica

A arte românica desenvolveu-se na Europa ocidental durante os séculos XI, XII e parte do século XIII.

Este estilo foi o primeiro, depois da queda do Império Romano, a apresentar características comuns em várias regiões. Até então a arte tinha-se fragmentado em vários estilos e o românico é o primeiro a trazer uma unidade nesse panorama.



introdução

- O aparecimento da arte românica foi um produto da nova ordem feudal, que se caracterizou:
 - pela fragmentação do poder político (divisão da sociedade em estratos sociais),
 - e por uma economia eminentemente rural, baseada no trabalho dos camponeses.

- A concepção estética da arte românica adquiriu um novo significado, introduzindo o sentimento do homem, do mundo e da divindade, típico da visão cristã.
- Deus era considerado o único referencial válido das manifestações artísticas realizadas para louvar o seu poder.

- Nos séculos do Românico, o conceito de *arte* provinha da tradição tardorromana e também da arte clássica.
- A *arte* era considerada, tal como a ciência, uma forma de conhecimento. Mas enquanto a ciência ansiava pelo saber puro, a arte tinha de orientar-se para a execução ou fabrico de coisas, pois isso era algo positivo e proveitoso para o homem.

Funções da arte românica

A arte sensível já não era vista como algo falso e enganoso: as imagens não eram ilusões frívolas, mas necessárias, nomeadamente, aos iletrados. De facto, para quem não soubesse ler as Escrituras, as cores das imagens pictóricas e as formas da escultura recordavam-lhes as acções dos verdadeiros servos de Deus, incitando-os à imitação.

Contudo, a razão e a função da arte não eram exclusivamente pedagógicas. A arte perpetuava grandes acontecimentos, embelezava as paredes e os espaços dos edifícios e deslumbrava a visão.

As funções da arte relacionavam-se com as três partes principais da alma:

- a memória;
- a razão;
- a afectividade.

“As obras de arte instruíam a inteligência, alimentavam a memória e emocionavam o coração”

O nascimento da arte

Há autores que fazem coincidir o nascimento da arte românica com a celebração do ano mil, acontecimento este que teria “despertado ecos de terrores apocalípticos e de calamidades proféticas”.

No entanto, actualmente, pensa-se que o nascimento deste estilo estará intimamente relacionado com o desejo de embelezar e engrandecer as construções, que terá dominado as comunidades cristãs do século XII.

- As igrejas, com as suas torres erguidas no céu, deviam inspirar admiração e causar, ao mesmo tempo, júbilo e estupefacção enquanto símbolos da beleza de Deus – o Ser que dera ao homem o poder de criar arte.
- Para os teólogos do período românico, o bom pintor ou o bom escultor devia instruir, deleitar e emocionar.

O Belo...

A contemplação da beleza era uma fonte de prazer para o homem medieval.

A admiração pelo belo, o prazer estético, só era admissível enquanto “imagem do prazer infinito que secretamente o animava”. A exaltação do Criador tinha de ser a finalidade de todo o prazer estético.

O termo “arte”, que associamos habitualmente a obras concretas, desde um vitral, um muro ou um edifício até uma obra literária ou uma partitura musical, tinha no mundo medieval um significado mais amplo, herdado da Antiguidade.

Eram artísticos os ofícios de carpinteiro, tecelão ou oleiro, tanto como os de flautista, tocador de lira, poeta, retórico ou pintor.

(Na Grécia clássica assim como na Roma antiga, “arte” designava um ofício, uma técnica manual e um “saber fazer”; as coisas bem feitas eram obtidas com “arte”.)

Na época românica havia três classes de obras de arte:

- A obra do Criador – Deus é o artista perfeito, o grande arquitecto do mundo, que mistura elementos que, abandonados a si mesmos, ficariam eternamente isolados;
- A obra da Natureza – que estrutura e constrói à maneira do organismo humano;
- A obra do artesão (que imita a anterior) – que se produz, quando, ao imitar a Natureza, o homem transforma a matéria e pinta, esculpe, fabrica um utensílio ou compõe um edifício segundo as leis da Natureza.

A arte como representação do poder

- Senhores, reis e imperadores exerciam o seu mandato por delegação divina, pelo que o seu poder tinha origem teocrática.
- A arte, fosse arquitectura, pintura ou escultura, era um meio de domínio posto ao serviço dos representantes de Deus.
- Os mosteiros, colegiadas, basílicas e paróquias deviam o seu património às doações dos magnatas.
- As manifestações artísticas não tinham por únicos destinatários a aristocracia ou os servos de Deus; o seu público final era formado por indivíduos pouco cultos, que viam reflectidos nas imagens, não apenas os factos religiosos, mas também a estrutura social da época.

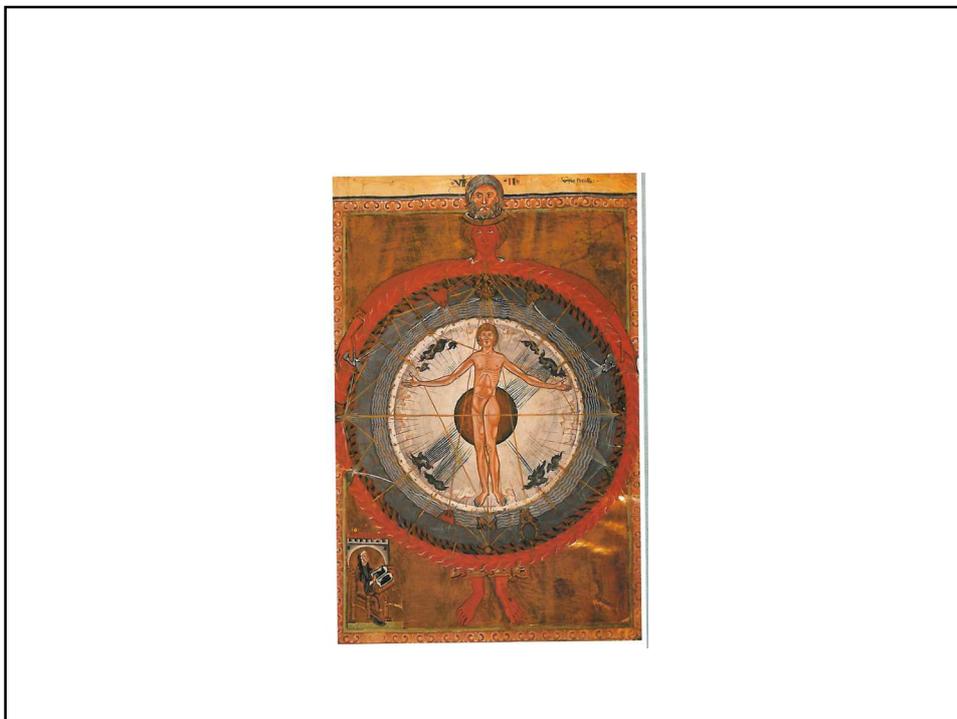


O artista...não era um ser anónimo!

O conceito de artista não existia, em sentido estrito, naquele período. Distingua-se:

- o *artifex theoreticus*, ou indivíduo que falava, entendia e até projectava as manifestações artísticas;
- e o *artifex practicus*, aquele que actuava com “arte”, executando e materializando a obra.

- A arte românica exaltou o poder de Deus através das suas criações principais: o Universo, a Terra e o Homem.
- “Deus era considerado o sábio arquitecto de um Universo centrado numa terra esférica (...)”. O círculo aparece representado em vários exemplares da arte românica, nomeadamente em miniaturas, tapetes, bordados e mosaicos.
- O Homem era visto como um microcosmos, ou seja, uma alegoria da onnipotência de Deus.



Arquitectura militar românica

- A instavel situação social da época e as contínuas lutas pelo poder favoreceram a expansão da arquitectura militar.
- O elemento arquitectónico que deu lugar ao nasciment do castelo foi a torre de vigia (donjon) de tradição pré-românica, cuja função era tanto defensiva como residencial.

- As construções mais primitivas deste tipo são de planta quadrada, podendo adoptar formas circulares e poligonais (casos raros).
- Os andares térreos e as caves eram utilizadas como armazéns e o andar superior servia de habitação.
- Para evitar o acesso fácil, a entrada ficava à altura do primeiro piso, ao qual se acedia por escadas móveis ou pontes levadiças.

- De maneira gradual, rodeando de muralhas o núcleo construído, passou-se da torre isolada ao castelo propriamente dito.
- Os castelos erguiam-se pontos estratégicos, aproveitavam uma elevação natural do terreno, como a configuração especial de um maciço rochoso, embora também pudessem ser construídos em chãs.

Características gerais da arte românica

Há diferenças significativas entre a arte executada nas diversas regiões europeias, de acordo com as influências regionais recebidas, mas existem algumas características comuns, que definem o estilo românico.

- As igrejas serão as maiores construídas até então, e para que isso seja possível haverá uma evolução dos métodos construtivos e dos materiais.
- A pedra será empregue na construção e o telhado de madeira será trocado por abóbadas de berço e de aresta, mais condizentes com uma igreja que representa a *fortaleza de Deus*.

- Ao contrário da arte paleo-cristã, as igrejas serão ricamente decoradas externamente.
- A escultura em pedra em grande escala renasce pela primeira vez desde os romanos, ao serviço da arquitetura, assim como a pintura.
- A escultura e a pintura serão carregadas de esquematização e simbolismo, típico de um período em que o artista aprende a representar o que sente, e não somente o que vê.

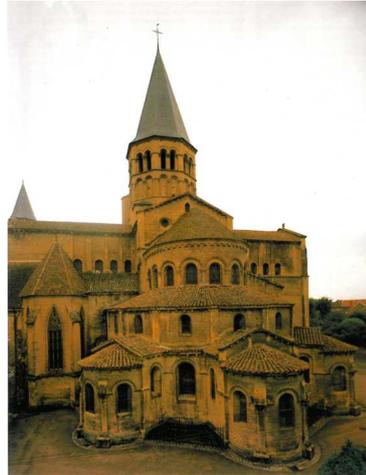
Arquitectura religiosa românica

- Podemos distinguir duas tipologias arquitectónicas religiosas:
 - os Mosteiros: estes transformaram-se em verdadeiras cidades de Deus, tendo sido edificadas em lugares de tradição religiosa.
 - e as Igrejas: eram concebidas como Casa de Deus, possuindo um enorme conteúdo simbólico, por ser a manifestação do poder absoluto da divindade.

Mosteiros

- Os mosteiros foram importantes centros económicos e culturais da civilização medieval.
- As ordens de Cluny e Cister foram essenciais para o estabelecimento/difusão da arquitectura românica religiosa.

As igrejas românicas



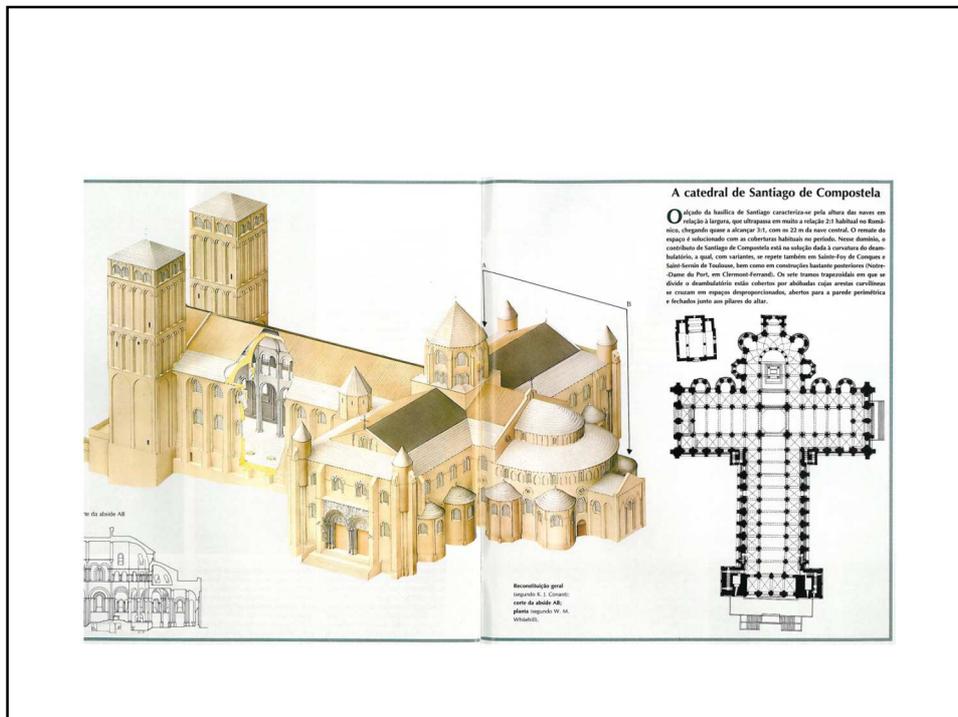
- Espaço interior estruturado através de pilares, utilizando o arco de volta perfeita e a abóbada de berço na cobertura do cruzeiro.
- As arcadas semicirculares, apoiadas em pilares e não em colunas, delimitam longitudinalmente o espaço.
- Planta com valor simbólico, em que a abside, sempre orientada a Leste, era o local sagrado.

- Espaço exterior: portal profusamente decorado.
- A parte mais cuidada é a fachada, que reflete a distribuição do espaço interior.
- Um dos exemplos mais paradigmáticos da igreja românica: a catedral de Santiago de Compostela



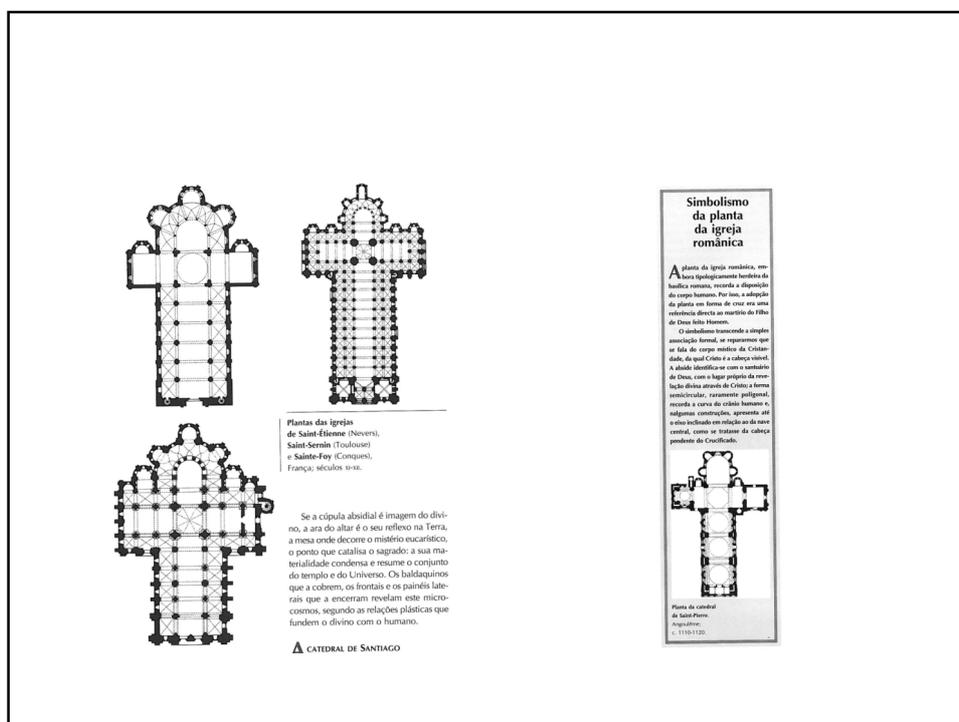
As igrejas de peregrinação

- foram muito características desse período.
 - ficavam no caminho para os locais sagrados, como Santiago de Compostela, Roma e Jerusalém, e
 - possuíam planta em forma de cruz latina, com várias naves, geralmente 3 ou 5,
 - as naves laterais prolongavam-se e passavam por detrás da ábside, formando o deambulatório.
 - do deambulatório saíam as capelas radiantes, ou absidíolas.
- Entre as igrejas desse tipo estão as de Santiago de Compostela e Igreja de Saint-Martin de Tours.



Características da arquitectura românica:

- substituição do tecto de madeira por abóbadas.
- paredes muito espessas
- poucas aberturas
- as paredes servem como estrutura e suportam todo o tecto.
- consolidação das paredes por contrafortes para permitir a sustentação do edifício



- consolidação dos arcos por meio de arquivoltas.
- planta basilical, com uma, três ou cinco naves (geralmente três),
- as colunas sustentavam as abóbadas
- aspecto maciço e horizontal (mesmo que muitas das igrejas sejam bem altas)
- grande decoração, externa e interna,
 - através de esculturas nos tímpanos nas portas de entrada e nos capitéis e colunas,
 - e pintura parietal nas ábsides e abóbadas das naves.

A escultura

A escultura resume-se quase por exclusivo ao relevo;

- Só a partir do século XI a estatuária começa a reaparecer.



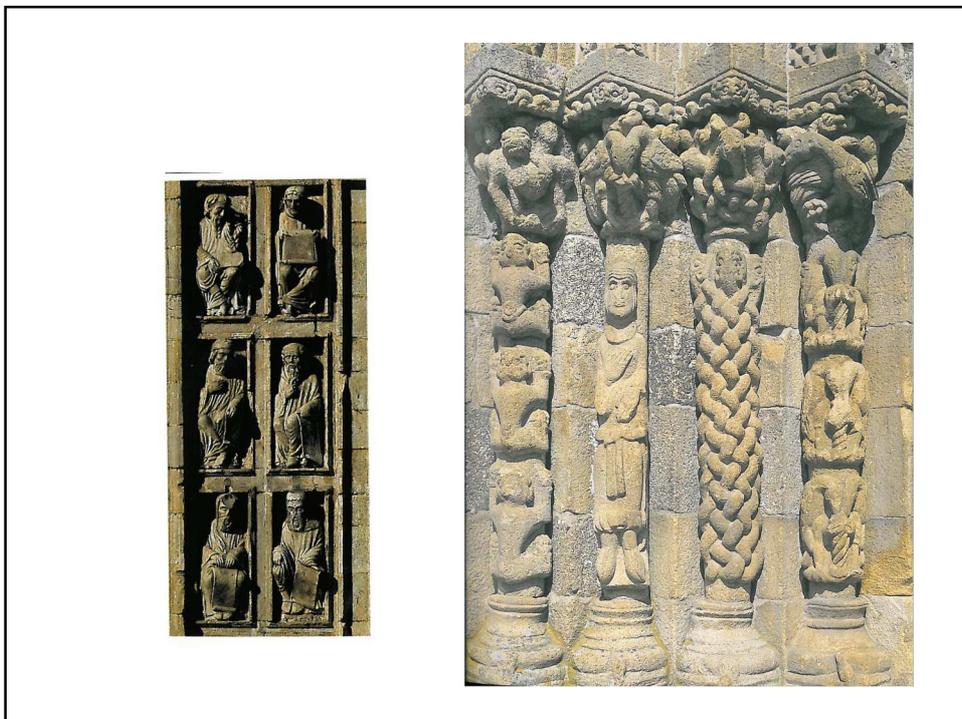
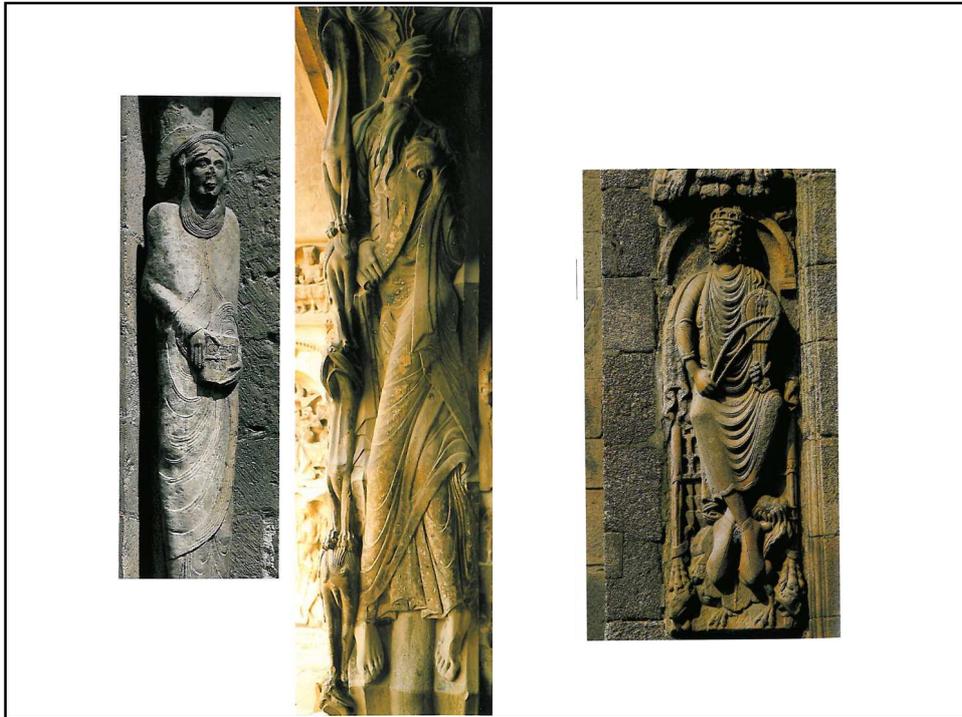
A escultura é sempre condicionada à arquitectura e todo trabalho é executado sem deixar espaços vazios.

O Relevo

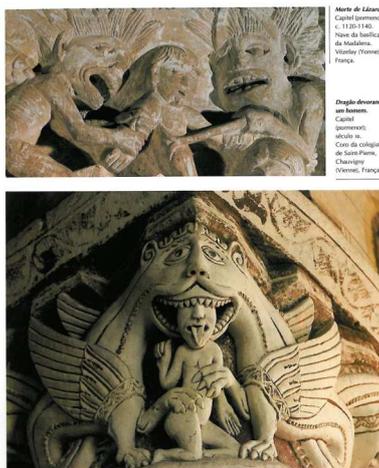
Continha, implicitamente, uma mensagem narrativo-pedagógica;

Foi valorizada a mensagem em detrimento da perícia técnica, no entanto, a partir do século XI, manteve uma coerência e unidade temática, formal, expressiva e técnica, criando um estilo próprio:

- a figura humana sobretudo contornada, gravada e pouco modelada, encontrando-se sempre de frente, com pouco realismo anatómico, de cabeça e olhos grandes, verticalidade, posição e gestos formais e vestes pregueadas, mas com pouca plasticidade;



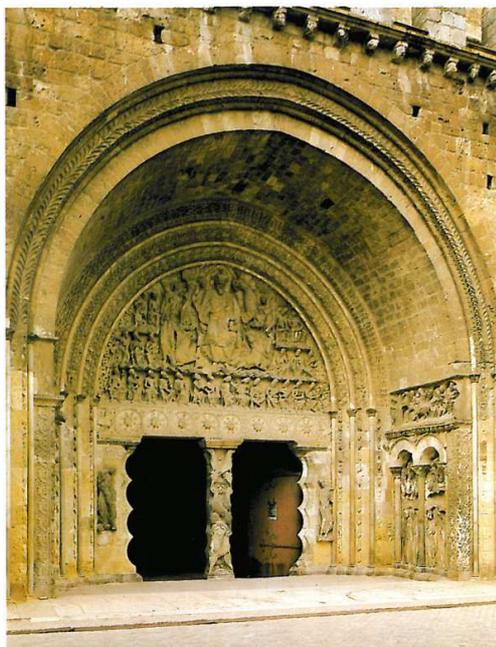
- a composição: as personagens eram colocadas em simetria ou em alinhamento rítmico feito pela colocação à mesma altura das cabeças das figuras e as cenas eram tratadas em poucos planos, sem perspectiva, sobre cenários espaciais mal definidos;
- carácter simbólico e antinaturalista. Não havia a preocupação com a representação fiel dos seres e objectos;
- volume, cor, efeito de luz e sombra, tudo era confuso e simbólico, representando muitas vezes coisas não terrenas, mas sim provenientes da imaginação.
- os temas, essencialmente religiosos, entre o alegórico e o simbólico, relatam histórias sagradas e cenas da vida do quotidiano;



- Esta tipologia centrava-se em:
 - colunas
 - cornijas
 - mísulas
 - cachorrada
 - frisos
 - gárgulas
 - pias baptismais
 - frontais de altar
 - arcadas de claustros
 - e, sobretudo, nos capitéis e nos portais (nomeadamente nas arquivoltas e no tímpano)



- o capitel de estrutura troncocónica (forma de cone) apresentava uma temática decorativa que variava entre relevos vegetalistas, animalistas ou geométricos; e cenas bíblicas.
- o portal que representa/simboliza o acesso à Casa de Deus, apresenta uma grande concentração decorativa; o tímpano é o elemento mais decorado (com fins religiosos, pedagógicos e estéticos)
- O relevo preenchia todo o espaço dos capitéis e dos tímpanos utilizando a técnica do desbaste que dá pouca profundidade ao talhe.



- Os relevos eram todos revestidos a cor: nos tímpanos dominava o azul para o Paraíso, o vermelho para o Inferno e havia ainda os dourados para dar realce. A policromia intensa e forte fazia parte dos interiores das igrejas do Românico, embora hoje já não seja visível.



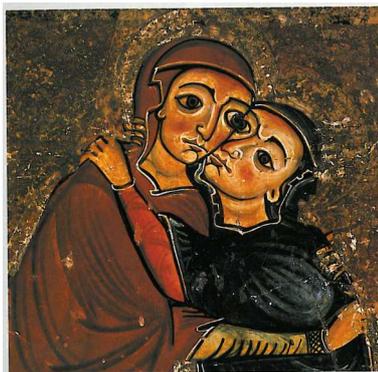
A Estatuária

- As imagens de vulto redondo (estatuária), nomeadamente as Virgens românicas, têm um cariz mais popular do que as figuras em relevo. Eram objectos de veneração, concretizados em composições simples e esquemáticas;
- de posições muito rígidas, e concebidas em função do plano mural (feitio da parede) onde estavam encostadas (e, por isso, só trabalhadas na frente e nos lados);
- Muitas delas eram feitas em metal precioso, em madeira, em gesso ou em pedra estucada e depois policromadas.



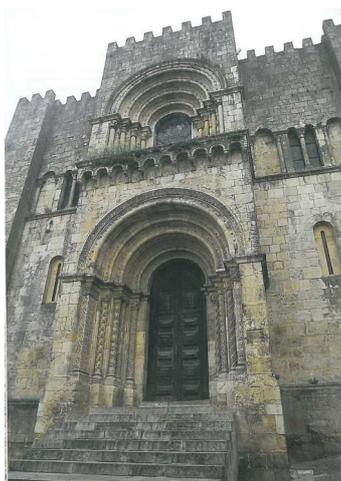
A Pintura

- A pintura contribuiu, juntamente com a escultura, para reforçar o sentido místico que se procurava atribuir à *Casa de Deus*, criando dentro das igrejas um ambiente de encantamento e surpresa, propícios à reflexão religiosa e à transcendência.
- Desenvolveu-se a arte da pintura parietal e a pequena pintura em miniaturas (decoração de manuscritos; retrato ou representação feita em diminutas dimensões) e iluminuras (decoração de texto manuscrito).

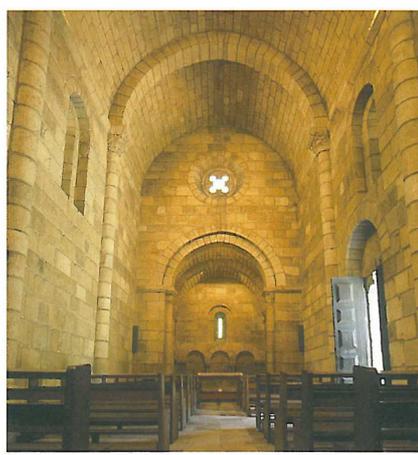
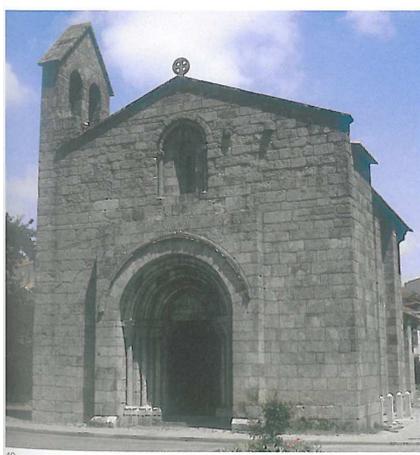


- Na parte oriental da Europa as paredes foram revestidas de mosaicos (por influência bizantina), cuja temática e formalismo estético era idêntico aos da pintura parietal desenvolvida essencialmente na zona ocidental da Europa;
- Os retábulos (pintura sobre madeira), embora em menor número, foram igualmente significativos e destinavam-se essencialmente à decoração dos frontais de altar.

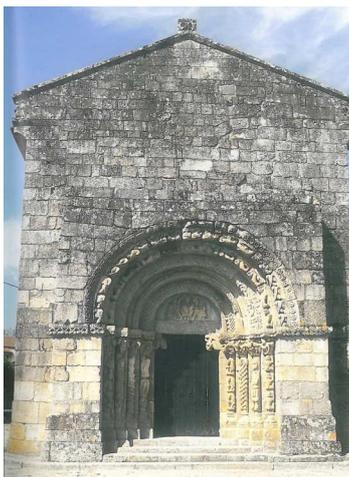
O Românico em Portugal



- A manifestação da arquitectura românica em Portugal teve início no princípio do século XII e prolongou-se até finais do século XIII;
- A igreja românica, símbolo da religiosidade da época, esteve sempre ligada a uma ordem religiosa, a um mosteiro, ou implantada no seio de uma comunidade rural.
- O Românico português tem características fortemente rurais; é constituído por pequenas igrejas que, consoante a riqueza dos seus patronos e os recursos ou dádivas disponíveis, se revestiu de maior ou menor qualidade técnica e exuberância formal e decorativa;



- Só nas cidades como Braga, Porto, Coimbra, Tomar, Lisboa e Évora as construções religiosas se revestiram de maior monumentalidade, de maior riqueza e variedade técnica e formal;
- A difusão do românico em Portugal é feita a partir das grandes dioceses – Braga, Porto, Coimbra, Lisboa..., ou dos mosteiros.
- Os materiais empregues nas construções românicas, civis ou militares foram os existentes localmente. Assim, predomina: Norte do país: granito; Centro do país: calcários; Sul: combinou-se o tijolo de influência espanhola (O Românico mudéjar, que tem traços da presença muçulmana) com a taipa, sendo esta última, com mais frequência, na arquitectura militar.



- A arquitectura românica das pequenas igrejas rurais é ainda caracterizada pela:
 - robustez (dada pelas paredes grossas, pelos contrafortes salientes e pelo emprego da pedra aparelhada);
 - nave única com cabeceira em absíde redonda ou quadrangular;
 - Telhado de duas águas;
 - Utilização do arco de volta perfeita;
 - Relevos com funções didácticas e decorativas, tanto no interior como no exterior do edifício;
 - Aplicação de cachorros nas cornijas.

A Arquitectura Civil e Militar

- Em Portugal encontramos três tipos de fortificações:
 - Os castelos com residência ou alcáçova;
 - Os castelos para refúgio/protecção das populações;
 - As torres de atalaia (vigia) ou protecção.

Na arquitectura civil de traço românico destaca-se a *Domus Municipalis*, em Bragança que se pensa ter sido um local de reuniões.

Possuía um sistema de recolha das águas da chuva e, na parte inferior, uma cisterna para armazenamento dessa mesma água.



ARQUITECTURA CIVIL E MILITAR

Tal como no resto da Europa, as fortificações foram, sobretudo, fortes redutos defensivos, não só dos senhores, mas também das populações em perigo.

No território português encontram-se três tipos de fortificações: os castelos com residência ou alcaçova; os castelos-refúgio; e as torres de atalaia ou de protecção.

Os castelos com residência são normalmente de boa estrutura e sólida construção castrense, com aparelho de cantaria lavrada, tendo no seu interior uma residência. Alguns exemplares bem

